

caderno de leituras n.86

série *intempestiva*

estamos todos em perigo

última entrevista
de pier paolo pasolini
com furio colombo

(1.11.1975)

Tradução de
Bernardo RB

Revisão de
**Guilherme
Gontijo
Flores**

[Nota da editora] Esta entrevista foi feita no primeiro dia de novembro de 1975, e publicada uma semana mais tarde, no suplemento Tuttolibri, do jornal La Stampa. Trinta anos depois, foi reeditada com uma introdução de Furio Colombo e publicada no jornal *L'Unità*, em 9 de maio de 2005. O texto pode ser lido também no livro *Saggi sulla politica e sulla società*, organizado por W. Siti e S. De Laude. A versão em italiano que serve de referência a esta publicação está disponível no site do centro "Pier Paolo Pasolini – Centro Studi Casarsa della delizia" [<http://www.centrostudi-pierpaolopasolinicasarsa.it/morte/siamo-tutti-in-pericolo-lultima-intervista-a-ppp-di-furio-colombo-1-xi-1975/>]. Uma excelente tradução ao português foi feita por Davi Pessoa, tendo sido publicada na revista *Polichinello*, com uma breve e ótima introdução assinada também por Davi Pessoa [http://docs.wixstatic.com/ugd/597395_7b-ce4846a93e-45fea833177e050f1f22.pdf]

Esta entrevista aconteceu num sábado, 1º de novembro, entre as quatro e as seis da tarde, poucas horas antes do assassinato de Pasolini. Gostaria de deixar claro que o título do encontro que aparece nesta página é dele, não meu. Como sempre, ao fim da conversa, trazíamos convicções e pontos de vista diferentes, então perguntei a ele se queria dar um título à sua entrevista. Pensou um pouco, disse que não tinha importância, mudou de assunto, depois algo nos trouxe ao argumento de fundo que aparece continuamente nas respostas que se seguem.

“Aí está a semente, o sentido de tudo” – disse ele. “Você não sabe nem mesmo quem agora está pensando em te matar. Coloque este título, se quiser: ‘Por que estamos todos em perigo’.”

2. [Nota do tradutor]
Tenente-coronel da Alemanha nazista, um dos principais organizadores do Holocausto.

3. [N.t.] Um dos principais líderes do partido Nazi na Alemanha nazista.

Pasolini, você mostrou, em seus artigos e escritos, muitas versões das coisas que detesta. Começou uma luta, sozinho, contra muitas instituições, convicções, pessoas, poderes. Para simplificar a conversa, direi “a situação”, e você sabe que quero falar da cena com a qual geralmente você briga. Agora tenho para você a seguinte objeção. A “situação”, com todos os males que você diz, contém tudo aquilo que lhe permite ser Pasolini. Quero dizer: o mérito e o talento são seus. Mas e os instrumentos? Os instrumentos são da “situação”. Editoras, cinema, organização, até mesmo os objetos. Imaginemos que o seu pensamento seja mágico. Você faz um gesto e tudo desaparece. Tudo o que detesta. E você? Não ficaria sozinho e sem meios? Quero dizer meios expressivos, quero dizer...

Sim, entendi. Eu não somente tento esse pensamento mágico, mas acredito nele. Não no sentido mediúnico, mas porque sei que, batendo-se sempre no mesmo prego, dá até para derrubar uma casa. Um bom exemplo, em pequena escala, são os radicais, quatro gatos que chegam a mexer com a consciência de um país (e você sabe que não concordo sempre com eles, mas agora mesmo estou indo embora, para um congresso deles). Numa escala grande o exemplo é a história. A recusa sempre foi um gesto essencial. Os santos, os eremitas, mas também os intelectuais. Os poucos que fizeram a história são aqueles que disseram não, jamais os aduladores da corte e os assistentes dos cardeais. A recusa para funcionar tem que ser grande, não pequena, mas total, não deste ou daquele ponto, “absurda”, não com bom senso. Eichmann,² meu caro, tinha um enorme bom senso. O que faltou a ele? Faltou dizer “não” logo, acima de tudo, ao princípio, quando o que fazia era somente administração habitual, burocracia. Talvez ele teria até dito aos amigos: não gosto muito daquele Himmler.³ Teria murmurado como se murmura nas editoras, nos jornais, no subgoverno e na televisão. Ou teria até se rebelado por esse ou aquele trem, que parava uma vez por dia para as necessidades, o pão e a água dos deportados, quando teriam sido mais práticas ou mais econômicas duas paradas. Mas ele nunca dificultou para a máquina. Então são três assuntos. Qual é, como você diz, “a situação”, e por que se deveria impedi-la ou destruí-la. E de que maneira.

Então descreva a “situação”. Você sabe muito bem que as suas intervenções e a sua linguagem têm um pouco o efeito do sol que atravessa o pó. É uma imagem bela, porém dá para ver (ou entender) pouco.

Obrigado pela imagem do sol, mas a minha pretensão é bem menor. Quero que você olhe ao redor e se dê conta da tragédia. Qual é a tragédia? A tragédia é que não há mais seres humanos, há estranhas máquinas que batem umas contra as outras. E nós, os intelectuais, pegamos o horário dos trens do ano passado, ou de dez anos antes, e depois dizemos: que estranho, estes dois trens não passam ali, como é que foram se destruir desse jeito? Ou o maquinista enlouqueceu ou é um criminoso isolado, ou aconteceu uma conspiração. Principalmente a conspiração nos faz delirar. Libera-nos de todo o peso de nos confrontarmos sozinhos com a verdade. Que bonito se, enquanto estamos aqui falando, alguém no porão está fazendo planos para acabar com a gente. É fácil, é simples, é a resistência. Nós perderemos alguns companheiros e depois nos organizaremos e acabaremos com eles, ou fica um para cada, não é? Sei que, quando passa *Paris está em chamas?* na televisão, todo mundo tem lágrimas nos olhos e uma vontade louca de que a história se repita, bonita, limpa (o fruto do tempo é que “lava” as coisas, como a fachada das casas). Simples, eu daqui, você dali. Não brincamos com o sangue, a dor, o trabalho que também naquela época as pessoas tiveram para “escolher”. Quando você está com a cara esmagada contra aquela hora, aquele minuto da história, escolher é sempre uma tragédia. Entretanto, é preciso reconhecer, era mais simples. O homem normal, com a ajuda da coragem e da consciência, consegue desprezar o fascista de Saló, o nazista da SS, pelo menos na sua vida interior (onde a revolução *sempre* começa). Mas agora não. Alguém se aproxima vestido de amigo, é educado, agradável e “colabora” (pode ser na televisão) seja para sobreviver, seja porque não é mesmo um delito. O outro – ou os outros, os grupos – vêm oferecer um favor ou vêm contra nós – com as suas chantagens ideológicas, com as suas advertências, os seus sermões, as suas maldições; e você sente que são também ameaças. Desfilam com bandeiras e *slogans*, mas o que os separa do “poder”?

**O que é para você o poder, onde ele existe,
onde está, como você o expõe?**

O poder é um sistema de educação que nos divide em subjugados e subjugadores. Mas atenção. Um mesmo sistema educativo que forma todos, das ditas classes dirigentes até aos pobres. É por isso que todos querem as mesmas coisas e se comportam do mesmo modo. Se entre as mãos tenho um conselho de administração ou uma manobra de bolsa, uso esta. Senão um cano de ferro. E quando uso um cano de ferro, faço a minha violência para obter o que quero. Por que o quero? Porque me disseram que é uma virtude querê-lo. Eu exercito o meu direito-virtude. Sou assassino e sou bom.

**Você foi acusado de não diferenciar política-
mente e ideologicamente, de ter perdido a marca
da diferença profunda que deve existir entre fascis-
tas e não fascistas, por exemplo entre os jovens.**

Por isso eu estava antes falando do horário dos trens. Você já viu aquelas marionetes que tanto fazem as crianças rirem, porque têm o corpo virado para um lado e a cabeça virada para o lado contrário? Acho que Totò conseguia fazer um truque assim. É desse jeito que vejo o bando de intelectuais, sociólogos, especialistas e jornalistas com as mais nobres intenções, as coisas acontecem aqui e a cabeça olha pra lá. Não digo que não exista o fascismo. Digo: parem de me falar do mar enquanto estamos na montanha. A paisagem é diferente. Existe aqui a vontade de matar. E esta vontade nos liga como irmãos sinistros de uma falência sinistra de todo um sistema. Eu também gostaria que tudo se resolvesse com o isolamento de uma ovelha negra. Também vejo ovelhas negras. Vejo muitas. Vejo todas. Aí está o problema, já disse para o Moravia: pela vida que levo pago um preço. É como alguém que desce ao inferno. Mas quando volto – se volto – vi outras coisas, mais coisas. Não digo que vocês devam acreditar em mim. Digo que precisam sempre mudar de assunto para não encarar a verdade.

E qual é a verdade?

Desculpem ter usado esta palavra. Queria dizer “evidência”. Deixe eu colocar as coisas em ordem de novo. Primeira tragédia: uma educação comum, obrigatória e equivocada que nos empurra para a arena do ter tudo a todo custo. Nessa arena, somos empurrados como uma estranha e sombria armada, na qual alguém tem os canhões e alguém tem os canos de ferro. Assim uma primeira divisão, clássica, é “estar com os fracos”. Mas eu digo que, em um certo sentido, todos são fracos, porque todos são vítimas. E todos são culpados, porque todos estão prontos para o jogo do massacre. Só para ter. A educação recebida foi: ter, possuir, destruir.

Então voltemos à pergunta inicial. Você, magicamente, abole tudo. Mas vive de livros e precisa de inteligências que leiam. Logo, consumidores educados do produto intelectual. Você faz cinema e precisa não apenas de grandes plateias disponíveis (em geral tem mesmo muito sucesso popular, ou seja, é “consumido” avidamente pelo seu público), mas também de uma grande máquina técnica, organizativa, industrial, que está no meio. Se tirar tudo isso com uma espécie de magia de monge paleocatólico neochinês, o que resta para você?

Para mim resta tudo, ou seja, eu mesmo, estar vivo, estar no mundo, ver, trabalhar, entender. Existem mil maneiras de contar histórias, de escutar as línguas, de transcrever dialetos, de representar teatro de bonecos. Para os outros, resta muito mais. Podem se opor a mim, cultos como eu ou ignorantes como eu. O mundo se torna grande, tudo se torna nosso e não devemos usar nem a bolsa, nem o conselho de administração, nem o cano de ferro para nos destruir. Olha, no mundo que muitos de nós sonhávamos (repito: ler o horário ferroviário do ano passado, mas nesse caso digamos já de muitos anos atrás), existia o patrão nojento com a cartola e os dólares que escorriam dos seus bolsos, e a viúva abatida que pedia justiça com os seus filhinhos. O belo mundo de Brecht, afinal.

4. [N.t.] Referência ao Black Panther Party (Partido dos Panteras Negras), organização fundada nos Estados Unidos em 1966. Devemos esta nota à tradução de Davi Pessoa, já citada.

Como dizer que você sente saudades desse mundo.

Não! Sinto saudades daquelas pessoas pobres e verdadeiras que lutavam para derrubar o patrão sem se tornar o patrão. Como eram excluídos de tudo, ninguém os tinha colonizado. Tenho medo daqueles negros em revolta iguais ao patrão, igualmente bandidos, que querem tudo a qualquer custo.⁴ Esta obscura determinação da violência total não deixa mais ver “de que signo você é”. Qualquer um que seja levado no fim da vida ao hospital tem mais interesse – se ainda lhe sobrar um fio de vida – no que dirão os médicos sobre a sua possibilidade de viver do que naquilo que dirão os policiais sobre a mecânica do delito. Veja bem, não julgo de acordo com as intenções, nem me interessa mais a cadeia causa-efeito, primeiro eles, primeiro ele, ou quem é o culpado principal. Acho que definimos aquilo que você chama de “situação”. É como quando em uma cidade chove e os bueiros se entopem. A água sobe, é uma água inocente, água da chuva, não tem nem a fúria do mar nem a maldade das correntes de um rio. Porém, por uma razão qualquer não desce, mas sobe. É a mesma água pluvial de muitos poeminhas infantis e das musiquinhas de “cantando na chuva”. Mas sobe e você se afoga. Se estamos nesse ponto, digo: não percamos o tempo colocando rótulos pra lá e pra cá. Vejamos onde essa maldita banheira transborda, antes de afogarmos todos.

E você, por isso, gostaria que todos fossem pastinhos sem escola obrigatória, ignorantes e felizes.

Dito assim seria uma bobagem. Mas a dita escola obrigatória fabrica à força gladiadores desesperados. A massa faz-se maior, como o desespero, como a raiva. Digamos que eu tenha feito uma piada (não me parece, porém). Vocês é que me digam outra coisa. Naturalmente, choro pela revolução pura e direta das pessoas oprimidas, que têm o único objetivo de se libertarem e de serem donas de si mesmas. Naturalmente, imagino que ainda possa haver um momento assim na história italiana e naquela do mundo. O melhor do que penso poderá inspirar também uma das minhas próximas poesias. Mas não o que sei e o que vejo. Quero dizer com total franqueza: eu desço ao inferno e

sei coisas que não perturbam a paz dos outros. Mas estejam atentos. O inferno sobe vindo de vocês. É verdade que vem com máscaras e com bandeiras diferentes. É verdade que sonha o seu uniforme e a sua justificativa (por vezes). Mas é também verdade que a sua vontade, a sua necessidade de dar pauladas, de agredir, de matar, é forte e é generalizada. Não durará por muito tempo a experiência privada e arriscada de quem, por assim dizer, tocou “a vida violenta”. Não se iludam. E vocês são, com a escola, a televisão, a tranquilidade dos seus jornais, vocês são os grandes conservadores dessa ordem horrenda baseada na ideia de possuir e na ideia de destruir. Sortudos que são, todos contentes quando podem colocar num delito um lindo rótulo. Isso, para mim, parece uma das tantas operações da cultura de massa. Sem poder impedir que aconteçam certas coisas, encontra-se paz inventando prateleiras.

Mas abolir tem que significar criar, senão você é um destruidor também. Os livros, por exemplo, onde vão parar? Não quero fazer o papel de quem se angustia mais pela cultura do que pelas pessoas. Entretanto, essas pessoas, salvas, na visão que você traz de um mundo diferente, não podem ser mais primitivas (essa é uma acusação frequente que te fazem) e, se não quisermos usar a repressão, “mais avançadas”...

Que me dá arrepios.

Se não quisermos usar frases feitas, alguma indicação deve haver. Por exemplo, na ficção científica, assim como no nazismo, queimam-se sempre os livros como gesto inicial de extermínio. Fechadas as escolas, fechada a televisão, como dar ânimo ao seu presépio?

Acho que já esclareci isso com Moravia. Fechar, na minha linguagem, quer dizer mudar. Mudar, porém, de modo tão drástico e desesperado quanto drástica e desesperada é a situação. O que impede um verdadeiro debate com Moravia, mas principalmente com Firpo, por exemplo, é que parecemos pessoas que não veem a mesma cena, que não conhecem as mesmas pessoas, que não estavam escutando as mesmas vozes. Para vocês, algo acontece quando é notícia, bonitinha, prontinha, paginada,

cortada e intitulada. Mas o que há por baixo? Falta aqui o cirurgião que tem a coragem de examinar o tecido e dizer: senhores, isso é um câncer, não é um caso benigno. O que é o câncer? É uma coisa que muda todas as células, que as faz crescer de modo absurdo, fora de qualquer lógica precedente. Seria saudosista o doente que sonha a saúde que tinha, mesmo se antes era um estúpido e um desgraçado? Antes do câncer, digo. Antes de tudo, será preciso fazer não sei qual esforço para ter a mesma imagem. Escuto os políticos com as suas pequenas fórmulas, todos os políticos, e fico louco. Não sabem de que país estão falando, estão distantes como a Lua. E os letrados. E os sociólogos. E os especialistas de todos os gêneros.

**Por que pensa que determinadas coisas são,
para você, tão mais claras?**

Não queria falar mais de mim, talvez tenha dito até demais. Todos sabem que eu pago as minhas experiências em carne e osso. Mas estão aí também os meus livros e os meus filmes. Talvez seja eu que erro. Mas continuo a dizer que estamos todos em perigo.

Pasolini, se você vê a vida assim – não sei se aceita essa pergunta – como pensa evitar o perigo e o risco?

Ficou tarde, Pasolini não acendeu as luzes e fica difícil tomar notas. Juntos vemos novamente as minhas. Depois me pede para deixar as perguntas para ele.

Há pontos que me parecem excessivamente absolutos. Deixe-me pensar, deixe-me revê-los. E depois me dê tempo para encontrar uma conclusão. Tenho uma ideia para responder à sua pergunta. Para mim é mais fácil escrever do que falar. Deixo para você as notas que adiciono amanhã de manhã.

No dia seguinte, domingo, o corpo sem vida de Pier Paolo Pasolini estava no necrotério da polícia de Roma.



Este é o Caderno de Leituras n.86, publicado pelas Edições Chão da Feira em janeiro de 2019. Composto em Maax 205TF. Projeto gráfico de Mateus Acioli. Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em www.chaodafeira.com.